

Redes transnacionais entre profissionais “expatriados” ou *expats*

Claudimir Corrêa Clemente *

Resumo

O presente artigo analisa os vínculos sociais constituídos por profissionais transnacionais ou expatriados/ *expats* como são chamados pelo mercado e *baseados* no Brasil. Por meio dos deslocamentos geográficos destes profissionais, analisar-se-ão os laços de amizade constituídos ao longo da mobilidade; a constituição de um espaço social transnacional no qual se movimentam outros grupos e indivíduos; a construção de vínculos sociais transnacionais entre aqueles que se deslocam; e as influências da empresa capitalista na mobilidade.

Ao longo deste trajeto ditado pelo capital, contudo, vão constituindo formas de sociabilidade com aqueles que cruzam seu itinerário, experimentam e fortalecem relações de amizade nas quais se beneficiam com a generosidade, a solidariedade e outros elementos que o território da amizade produz. Não são um grupo, mas vivem essas experiências de conteúdo social e por isso dão à mobilidade uma dimensão social.

Os dados e a análise aqui apresentados foram sistematizados no decorrer do processo de meu doutoramento, sob orientação da professora Doutora Márcia Regina da Costa e revelam alguns dos temas de interesse da saudosa antropóloga: redes transnacionais, sociabilidade e território.

Abstract

The present article analyzes the social bonds constituted by transnational professionals or 'expats' as they are called by the market. Through these professionals' geographical displacements, it had been analyzed the ties of friendship constituted along the mobility; the constitution of a transnational social space in which other groups and individuals are moved; the construction of transnational social bonds among those that move; and the influences of the capitalist company in the mobility.

Along this itinerary dictated by the capital, however, they are going constituting sociability forms with those that cross his/her itinerary, they try and they strengthen relationships of friendship in which benefit with the generosity, the solidarity and other elements that the territory of the friendship produces. They are not a group, but they live those experiences of social content and for that they give to the mobility a social dimension.

The data and analyze here presented were systematized in elapsing of the process of my doctor pos graduate, under orientation of Prof^ª Dr^ª Márcia Regina da Costa and they reveal some of the themes of interest of the nostalgic anthropologist: transnational nets, sociability and territory.

* Doutora em Antropologia pela PUC-SP, vinculada ao CEBRAP e integrante do Núcleo de Estudos do Cotidiano e Cultura Urbana da PUC-SP. E-mail: claudelir@uol.com.br

Antropologia e movimento

Durante anos a Antropologia dedicou-se ao estudo de indivíduos e comunidades que vivem em territórios fixos. O antropólogo partia para um campo de observação fixo, territorializado, e dele levantava dados e análises. Capturava o sujeito imerso na teia de relações sociais locais, deparava-se com *a carne e o sangue* da cultura (Malinowski, 1978). Por meio do local, estudava os ritos de passagem, os sistemas de parentesco, a religião, as formas de representação social, as instituições sociais e a cultura. Lançava análises e, por meio delas, transformava em teorias e conceitos as socializações que as diversas comunidades fizeram de seu espaço.

Hoje, contudo, não se pode deixar de entender que estas maneiras de socialização do espaço e do tempo apontam para um aspecto do território a que, por vezes, não se presta atenção: o seu movimento. Os ritos sociais (de toda natureza e finitude) das comunidades fixas, sempre realçam fronteiras, delimitações que devem ser respeitadas para que o território permaneça. Por vezes, os mesmos ritos inscrevem sobre o corpo as marcas da localidade (Appadurai, 2001). Disto se depreende que as comunidades conscientes da fragilidade do território realizam constantes ritualizações, diuturnamente, para não se perderem nos fluxos desterritorializantes que convergem para o lugar.

Já grupos e indivíduos em movimento, como é o caso dos profissionais transnacionais, são artesãos de uma vida social que emerge da constante mobilidade transnacional. Não é a permanência que os faz vincularem-se a outros indivíduos, mas é o movimento, a mobilidade. É por meio dela que se vivem as amizades, a vida afetiva, a paternidade e a maternidade.

No caso do profissional transnacional ou expatriado como é chamado pelo mercado, a sua mobilidade está intimamente ligada ao desenvolvimento da empresa de tipo transnacional.

Empresa transnacional e mobilidade

As multinacionais, sobretudo as americanas, tiveram um papel essencial na formação deste quadro gerencial internacional. Cultivando aspectos da nova cultura internacional capitalista, fomentaram, no nível da formação pessoal e profissional, um modelo de executivo internacional. Dos quadros administrativos da empresa International Business Machines Corporation (IBM), nos anos 1960, assistiríamos à emergência desta mão-de-obra internacional, um tipo de dirigente qualificado para as funções internacionais.

Com constante e rápido desenvolvimento¹, a International Business criou, em 1949, a IBM World Trade Corporation, uma subsidiária inteiramente independente, cujo objetivo era aumentar vendas, serviços e produção para além das fronteiras dos Estados Unidos. As atividades da IBM World Trade Corporation se estenderam por mais de 150 países. Contudo, as atividades de produção, fábricas e laboratórios funcionavam em 15 países. Essas fábricas estavam integradas aos laboratórios de desenvolvimento na França, Alemanha, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Inglaterra, Brasil, Argentina, Colômbia, México, Canadá, Austrália e Japão.

Atualmente, constam 29 laboratórios de desenvolvimento que vieram se juntar aos cinco dos centros de pesquisa pura onde são realizadas as mais sofisticadas pesquisas tecnológicas e que estão localizados em várias regiões do mundo. No desenvolvimento destas regiões tivemos, a partir dos anos 1960, a atuação de dirigentes empenhados em padronizar a produção e o consumo, de acordo com as diretrizes da empresa matriz.

Neste período (dos 1960 aos 1970), as grandes decisões estratégicas da IBM eram tomadas nos Estados Unidos – por exemplo, as relativas aos principais planos de investimentos. Também as direções regionais e as filiais nacionais administravam suas redes comerciais em função das regras ditadas pela direção mundial norte-americana. Uma grande parte das multinacionais

¹ Informações disponíveis no *site* corporativo da IBM: www.ibm.com/br/ibm/history

européias adotou este modo de organização nos anos 1960 (WAGNER, 1998).

Este tipo de atuação prática passou a fazer parte das estratégias de outras empresas, e pouco a pouco o dirigente internacional foi ganhando visibilidade e importância. Consolidava-se uma nova profissão de carreira internacional nos quadros destas empresas. Países como o Brasil passaram a ser rota destes novos profissionais, ocupantes de cargos de direção nas multinacionais que por aqui se instalavam – General Motors, Volkswagen, Sony e a própria IBM.

Assim, sob a pessoa do executivo estaria investido um conjunto de ações que aguçariam uma personalidade dotada de competências. Estas deveriam permitir a ação deste profissional com vistas a potencializar a expansão do capitalismo. Alguns dos pares de braços e de pernas que concretizam a mobilidade geográfica do capital são de posse do profissional transnacional. Além de disponibilizar a si mesmo para o movimento, ele é agente de um sistema que move, relaciona, colabora, mescla e antagoniza indivíduos e populações.

Amizade: um vínculo de dimensão transnacional

Ao longo destes deslocamentos muitos dos vínculos sociais locais desmancham-se, mas a amizade pode permanecer e a partir dela suportar a constante mobilidade.

Segundo Claire Bidart:

A amizade, por mais que seja uma relação pessoal, porta um conteúdo social. Por meio da amizade, os indivíduos podem reconhecer as diferenças, aprendem a se situar, afiliar-se, a negociar seu lugar na sociedade. As relações pessoais constituem um intermediário entre o indivíduo e a sociedade. A amizade constrói pontos de ligação entre grupos sociais. Ela contém tudo que podemos qualificar como vínculo social (Bidart, 1997: 7).

A amizade permite a circulação de idéias, de expectativas, de modos de cultura. Quando firmam uma amizade, os indivíduos fazem

referências a imagens, a regras de conduta e modos de comportamento usual que fundamentam a relação. Quanto é praticada por trabalhadores cuja condição profissional lhes impõe a intensa mobilidade geográfica ela ganha dimensão transnacional, ela nos aponta para a uma vida social muito mais ampla que a local.

Na maioria dos casos, essas amizades ocorrem entre aqueles que vivem a mesma situação: a de mobilidade espacial relacionada ao trabalho. São laços constituídos no que se tem em comum e mantidos por meio presencial (face a face), de tecnologias comunicacionais, como correio eletrônico e telefone, e por meio de viagens compartilhadas. Pode-se dizer que os profissionais transnacionais são submetidos a uma certa pressão comum em favor da disposição para fazer amigos e a alimentar este vínculo. Atribui-se isto ao fato de que vivem, com frequência, incertezas e intempéries e nada melhor que a amizade para ajudar a estabilizar esses momentos.

Um dos meus entrevistados² no doutorado lembra:

Quando estava organizando minha mudança para o Brasil, contatei um amigo. Ele também passou por aqui, a trabalho, agora não está mais. Mas ele me ajudou mais que a empresa. Estive a primeira vez, para conhecer São Paulo, em janeiro de 2000, e depois voltei em maio, para ficar. Em janeiro, meu amigo foi nos pegar no aeroporto. Estávamos eu e minha esposa. Passamos o final de semana na casa dele e deu tempo de encontrar um hotel mais agradável para ficarmos na região da Paulista, porque a indicação de hotel da empresa nós não gostamos. (Thomas Lainé.)

Contatos e vínculos são reativados para que o trajeto se conclua com poucas dificuldades. Eles fornecem o confortável espaço da amizade, lugar de escuta e de aconselhamento fraternal. Muitas vezes, proporcionam um suporte afetivo. Essas relações de amizade podem extrapolar o que entendemos por relações úteis para os negócios, pois podem assumir outros significados.

Para Thomas Lainé, o amigo tornou-se uma das figuras centrais no seu processo de aceitação de vir para o Brasil.

² Para preservar a privacidade dos entrevistados todos os nomes são fictícios.

A ajuda do meu amigo foi importante até para decidir vir para o Brasil. Eu, na verdade, não queria vir. Quando a empresa falou Brasil, não gostei da idéia, não pensava, naquele momento, em morar em um país da América Latina, mas conversando com este amigo (que já estava aqui havia dois anos), me acalmei e aceitei o seu convite de fazer uma primeira visita ao Brasil naquele mês de janeiro (Thomas Lainé).

A atitude voluntária e espontânea do amigo de Thomas, ao recebê-lo em sua casa e, de certa maneira, apresentá-lo a São Paulo, leva à reflexão sobre os princípios da amizade e sua dimensão social. O amigo de Thomas Lainé não tinha nenhuma relação de trabalho com ele. Thomas deixou subentendido que esta amizade havia brotado de antigos encontros na França, em que eles, na companhia de outros amigos, partilhavam coisas da amizade. Assim, o amigo foi espontâneo no convite e no desejo de acompanhá-lo em São Paulo.

Ah, em janeiro, eu e minha esposa estávamos acompanhados o tempo todo deste amigo e de sua família (Thomas Lainé).

A espontaneidade expressou a generosidade, sentimentos típicos da amizade (ALBERONI, 1993). Tais ações contribuíram para envolver as duas famílias, reduzindo as ameaças de isolamento e de solidão que podem manifestar-se nestes primeiros dias de novo país.

Ralf Konnen, outro entrevistado, também enfatizou a importância dos amigos e colegas neste início de estada:

Eu vivia pedindo para vir para o Brasil ou Argentina. Ficava ligando para meu sócio daqui de São Paulo. E um dia, em uma destas ligações, ele disse: Temos um projeto, você deve estar aqui no dia 27 de dezembro [de 1999]. Isso era alguns dias antes da data anunciada. Pensei: iria perder meu ano novo em Paris, não veria os fogos e a Torre Eiffel da janela de meu apartamento. Eu daria uma festa. Mas aceitei. E envolvi mais dois outros amigos do mesmo trabalho, um espanhol e um romeno, que também estavam em Paris, neste projeto do Brasil e aqui [São Paulo] chegamos no dia 27 de dezembro. Trabalhamos até 30 de dezembro e iniciamos o novo projeto com o cliente brasileiro [banco brasileiro] em 3 de janeiro.

Nestes primeiros quatro dias, trabalhamos o dia inteiro, mas eu queria conhecer a cidade, curiosidade, sabe?, andar pelas ruas. Mas tinha receio e, ao mesmo tempo, muita curiosidade. O amigo espanhol e o romeno a mesma coisa; resolvemos sair juntos (Ralf Konnen).

Ralf é solteiro, assim como estes seus amigos, e também resolveram, naquele momento, partilhar a experiência de conhecerem juntos a nova cidade.

Quando não há laços de amizade no novo lugar, a maneira encontrada pelos estrangeiros é constituí-los. No que toca a este aspecto, pode-se exemplificar com o que ocorreu com Laura Ken:

Eu estava recém-separada e fui chamada para trabalhar na Internet Security do Brasil em 1997. Fiquei alguns meses sem vida social. Com o tempo, comecei a sair para *happy hours* com outros amigos americanos. Foi importante este momento, eu estava recomeçando a vida e com o tempo essas pessoas tornaram-se amigas não só para final de expediente, mas para outros momentos (Laura Ken).

Essas pessoas estão engajadas em trabalhos que as mobilizam pelo mundo inteiro. Pensar que desenvolvem vínculos de amizade parece, numa primeira impressão, algo improvável.

A questão vai mais além. Francesco Alberoni, no livro *A amizade*, inicia seu primeiro capítulo com a seguinte indagação: “*Existe ainda a amizade no mundo contemporâneo?*” (Alberoni, 1993: 5). Ao longo do livro, ele responderá que sim e que ela preserva uma das suas características centrais: a inexistência de uma hierarquia. “*Existe, porém, uma relação que não é hierárquica, mas ocorre entre iguais: é a amizade*” (Alberoni, 1993: 6).

A amizade não diverge do modo de vida dos trabalhadores transnacionais. Observa-se que mesmo que estes façam intensas viagens, efetuem contínuas mudanças de moradia e de país, seus vínculos de amizade estão entre os mais duradouros. Na verdade, é porque este sentimento pressupõe abertura e liberdade. A amizade ama o encontro, mas suporta a partida.

Temos plena consciência que o encontro foi significativo. Mas não desejamos prolongá-lo ilimitadamente. Sabemos que sua natureza é descontínua. Isto não quer dizer que não desejamos tornar a encontrar o amigo. A simpatia de um encontro projeta-se no futuro, quer reencontrar, é uma experiência global, de completude. Mesmo que aconteça num instante e só dure um instante, abraça a diversidade caótica da nossa vida e lhe impõe ordem, confere-lhe significado (Alberoni, 1993: 17-8).

Laços que podem sobreviver ao tempo e não se limitam a espaços. A amizade fornece o território afetivo que independe do espaço material. O campo da amizade, na chamada era da globalização, abre às ciências sociais novos caminhos em que é possível visualizar, para além da mobilidade econômica do capital, e identificar as pessoas em movimento e o conteúdo de suas relações sociais.

Bibliografia

ALBERONI, F. (1993). *A amizade*. Rio de Janeiro: Rocco.

APPADURAI, A. (2001). *Après le colonialisme*. Paris: Payot.

BIDART, C. (1997). *L'amitié, un lien social*. Paris: Editions La Decouverte.

CLEMENTE, C. C. (2005). *A Vida social transnacional: um estudo sobre o território e os vínculos sociais constituídos por profissionais transnacionais*. Tese de doutorado defendida na PUC/SP.

_____. (2005). Analisando territórios e laços sociais de pessoas que vivem em mobilidade internacional. In: *Textos ABEP/NEPO/UNICAMP. IV Encontro sobre Migração*. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4_EnaNacSobreMigracao/SCI-4.pdf. Acesso em: 31 mar. 2008.

WAGNER, A. C. (1998) *Les nouvelles élites de la mondialisation*. Paris: PUF.